
ENUNCIÇÃO

Revista do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFRRJ

Verdade, composição e realidade virtual

Truth, Gestell, and virtual reality

Acylene Maria Cabral Ferreira*

 <https://orcid.org/0000-0002-9575-0060>

Resumo: Nosso objetivo consiste em mostrar que a interpretação heideggeriana sobre a constituição da técnica moderna ainda é válida para nos esclarecer como se estrutura, fenomenologicamente, a tecnologia contemporânea. Nosso desafio será evidenciar como o conceito de *Gestell*, isto é, de composição entre o asseguramento no ente e a experiência do ser, que determina a verdade e a realidade dos entes na técnica moderna, edifica também a verdade e a realidade virtual produzidas pelos subcampos da Inteligência Artificial (IA) na tecnologia contemporânea.

Palavras-chave: Gestell; verdade; realidade virtual; técnica moderna; tecnologia contemporânea.

Abstract: *We aim to show that Heidegger's interpretation of modern techniques is still valid in clarifying how contemporary technology is structured phenomenologically. Our challenge will be to demonstrate how the concept of Gestell, i.e., of composition between assurance in beings and the experience of being, which determines the truth and the reality of beings in modern techniques, also structures the truth and the virtual reality produced by Artificial Intelligence (IA) in contemporary technology.*

Keywords: *Gestell; truth; virtual reality; modern technique; contemporary technology.*

* Doutora em Filosofia pela UFRJ. Professora titular da Universidade Federal da Bahia. E-mail: acylene@ufba.br.

Introdução

Partiremos dos textos *Ciência e pensamento do sentido* e *A questão da técnica* de Heidegger, para mostrarmos que a constituição da técnica moderna ainda é atual para pensarmos como, fenomenologicamente, a tecnologia contemporânea está estruturada. Sustentaremos nossa reflexão nos conceitos de *Gestell* (composição entre o asseguramento no ente e a experiência do ser) e de verdade enquanto desvelamento ou desencobrimento de ser¹. Nossa finalidade é indicar como a relação de copertencimento entre ser, verdade, velamento e composição institui tanto a realidade dos entes como fatos, quanto a fatualidade produzida pela realidade virtual através da atuação dos algoritmos, que comandam os dispositivos e aplicativos na internet. Basearemos também nossas considerações em *Ser e tempo*, nas preleções *Questões fundamentais de filosofia*, *Problemas fundamentais de fenomenologia*, *Contribuições à filosofia*, *Prolegômenos a história do conceito de tempo* e no ensaio *Tempo e ser*. Dividiremos nossa exposição em duas partes. Na primeira abordaremos a relação entre velamento, fenômeno, verdade e ser. Na segunda esclareceremos como a composição que, para Heidegger, é a essência da técnica moderna, estrutura a realidade virtual na tecnologia contemporânea.

Porque focaremos nossa reflexão na fenomenologia heideggeriana, julgamos conveniente deixar logo claro que tomamos o termo “fenômeno” no sentido que encontramos em *Ser e tempo*, a saber: “Mostrar-se em si mesmo, fenômeno, significa um modo privilegiado de encontro”² entre o ente que nós mesmos somos (*Dasein*) e o mundo. Este encontro acontece na medida em que o fenômeno mostra isso que aparece dos entes e o *Dasein* acolhe essa aparição como um modo de ser dos entes. Seguindo esse raciocínio acerca do encontro entre *Dasein* e mundo é possível dizermos que há uma copertinência e co-originariedade entre fenômeno e ser, haja visto que o fenômeno mostra e deixa ver o ser dos

¹ Utilizaremos a palavra “desvelamento” para referirmo-nos à verdade no sentido em que ela deixa ver a manifestação de ser. E usaremos a palavra “desencobrimento” para acentuarmos o caráter da verdade de colocar a descoberto o ser de um ente. Porque na primeira parte de nossa reflexão correlacionaremos fenômeno, ser e verdade, para mostrarmos como acontece a manifestação de ser, faremos uso da palavra “desvelamento”. E na segunda parte empregaremos a palavra “desencobrimento” para evidenciarmos como a técnica e a tecnologia põem a descoberto modos de ser do *Dasein*, mediante os quais ele determina os modos de ser dos aparatos técnicos e tecnológicos.

² HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 2006, p.70.

entes. Isso significa que o *Dasein* tem apenas uma indicação fenomênica do ser. Quando o *Dasein* acolhe esta indicação fenomênica, ele compreende a verdade de um ente enquanto desvelamento de ser desse ente.

Como trabalho investigativo, a fenomenologia é precisamente o trabalho de colocar a descoberto e deixar ser visto, entendido metodologicamente como retirado diretamente do velamento [Verdeckungen]. Ser-velado é o contra-conceito do fenômeno e tais velamentos são realmente o tema imediato da reflexão fenomenológica.³

Quer dizer: o trabalho investigativo da fenomenologia não é somente esclarecer o desvelamento de ser dos entes, mas consiste também em analisar e descrever o velamento. Donde podemos inferir: [i] acessamos ser como fenômeno; [ii] a verdade é originária do fenômeno, ou seja, da manifestação de ser; [iii] o velamento, conceito oposto de fenômeno, é o tema da reflexão fenomenológica. Tais inferências nos permitem corroborar que fenômeno, ser e verdade estão intrinsecamente correlacionados ao velamento. Por isso, cabe perguntar: como poderemos estabelecer uma relação entre o velamento, que concede o mostrar-se do fenômeno, do ser e da verdade, com a composição que constitui a realidade dos entes na técnica moderna? Por que tal relação é crucial para explicarmos a constituição fenomenológica da realidade virtual? Para respondermos essas questões, faremos uma breve exposição sobre algumas modificações que o conceito de verdade sofre no pensamento de Heidegger,⁴ pois pressupomos que essa digressão facilitará correlacionarmos o velamento à verdade e, em seguida, à composição e à realidade virtual.

Relação entre velamento, fenômeno, verdade e ser

Para nós, em *Ser e tempo*, o velamento subjaz ao conceito de *abertura*. Por que? Visto que nessa obra, o conceito de abertura é central para a doação do sentido de ser como fenômeno e da verdade como descoberta de ser dos entes. Dizer que a verdade é abertura implica em afirmar, que ela é a abertura de ser na qual o *Dasein* compreende o ente em si mesmo e também que ela é uma abertura do *Dasein* para o ser. Enquanto abertura do *Dasein*,

³ HEIDEGGER, M. *History of the Concept of Time*. Indianapolis: Indiana University Press, 1992, p. 86.

⁴ Cf. FERREIRA, A. “A verdade na fenomenologia heideggeriana.” In: Ferreira, A. (Org.). *Verdade e interpretação*. Salvador: Quarteto, 2013, p. 9-26.

a verdade é um existencial, que determina o *Dasein* como ser-descobridor e ser-verdadeiro, já que ele é quem descobre, na circunvisão da ocupação, o modo de ser dos entes intramundanos como significância de mundo. Portanto, em *Ser e tempo*, “o ser da verdade encontra-se num nexos originário com a presença. [...] O ser – e não o ente – só ‘se dá’ porque a verdade é. Ela só é à medida e enquanto a presença [*Dasein*] é. Ser e verdade ‘são’, de modo igualmente originários.”⁵ Assim, nessa fase do pensamento heideggeriano, o desvelamento do ente enquanto fenômeno significava ser-descoberto e a verdade era determinada como descoberta de ser dos entes. Logo, encontramos uma correlação intrínseca entre ser, verdade e *Dasein*, ao passo que a verdade está diretamente atrelada ao *Dasein* e ser ao fenômeno, posto que, em *Ser e tempo*, “fenômeno é somente o que constitui o ser, e ser é sempre ser de um ente.”⁶

Em *Problemas fundamentais de fenomenologia* (1927/28), julgamos que o velamento sustenta o conceito de transcendência do *Dasein*. Por que? Na medida em que o *Dasein* sai de si em direção ao ser, ele está além do ente. Enquanto ele está nesse direcionamento, ele está suspenso no “entre” que vigora entre *Dasein* e mundo. É justamente nesse “entre” que acontece o desvelamento de ser que institui a verdade do *Dasein* e do mundo. Por isto, nesta preleção, a verdade está fundamentada na transcendência do *Dasein*.⁷ Esta correlação da verdade com a transcendência do *Dasein* é tratada com mais evidência no ensaio *Sobre a essência do fundamento* (1929). Nele, a transcendência do *Dasein* deixa acontecer a verdade do mundo no abrir-se do *Dasein* para as determinações possíveis dos modos de ser dos entes. Devido a este caráter de transcendência, Heidegger afirma neste ensaio e também na preleção de 1929/30 *Conceitos fundamentais de metafísica*: mundo, finitude e solidão, que o ser humano é formador de mundo. Em *Sobre a essência do fundamento* a verdade, que ainda não foi reduzida ao conceito, é denominada de pré-ontológica. E enquanto a verdade se refere ao ser de um ente ela é designada de ontológica. Já o desvelar como enunciado sobre o ser de um ente é chamado de verdade ôntica, já que se refere ao ente em seu ser. A verdade ôntica, como enunciado referente à compreensão de ser, pressupõe o fenômeno de ser. Somente porque ser é pressuposto como fenômeno que a verdade pode desvelar o ser de um ente. Faz-

⁵ HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*, p. 301.

⁶ HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*, p. 77.

⁷ Cf. HEIDEGGER, M. *The Basic Problems of Phenomenology*, p. 222.

se notório aqui a relação de copertinência e co-originariedade entre velamento, ser, verdade e fenômeno.

No ensaio *A origem da obra de arte* (1935-6), a verdade é entendida como clareira e acontecimento, isso quer dizer que ela não é mais concebida como desvelamento e descoberta como em *Ser e tempo*. A verdade, neste ensaio, acontece como um combate “entre” mundo e terra ou “entre” clareira e velamento. Ora, nessa etapa do pensamento heideggeriano, está explícita a relação visceral entre verdade e velamento, pois é na clareira, enquanto sustentada pelo velamento, que se dá o acontecimento de ser e verdade. Apesar de nesse ensaio a verdade ainda acontecer em um “entre”, cabe sublinhar que este “entre” não concerne mais ao “entre” *Dasein* e mundo, como vimos em *Ser e tempo* e em *Problemas fundamentais de fenomenologia*. Com o deslocamento do caráter de verdade como descoberta dos entes para o caráter de verdade como acontecimento de ser, a questão da verdade não está mais centrada no ser da verdade, no *Dasein* como ser-verdadeiro, mas na essência do verdadeiro. Assim, a verdade, na perspectiva de desvelamento como descoberta, deixa de figurar como um modo de ser do *Dasein* para aparecer como um caráter dos entes, como uma determinação fundamental e essencial dos entes.

Já em *Questões fundamentais de filosofia* (1937-8), “a verdade e os entes em sua entidade são o mesmo.”⁸ Isto é, ser e verdade dizem o mesmo. Esta afirmação é semelhante àquela de *Ser e tempo*, qual seja, “ser e verdade são igualmente originários.”⁹ Tal similaridade implica que o questionável, neste momento, é a verdade do ser. Esta consiste no desvelamento dos entes, que significa retirar o ser dos entes do velamento. Neste viés, o desvelamento dos entes concerne à abertura e esta diz respeito à verdade. Já o *Dasein* é o ente que conserva o desvelamento dos entes. Aqui podemos apontar mais uma mudança na concepção heideggeriana de verdade: a abertura não é mais uma determinação de ser do *Dasein* e a verdade não é mais um existencial do *Dasein*, como vimos em *Ser e tempo*. Antes, a verdade concerne à abertura como desvelamento do ente enquanto ente. A verdade, neste sentido, acontece no “‘entre’, ‘no meio de’, em cujo espaço e tempo os entes como um todo podem ser determinados em sua entidade. [...] Este ‘entre’ (tempo-espaço) onde ainda não

⁸ HEIDEGGER, M. *Basic Questions of Philosophy*, p. 106.

⁹ Cf. Nota 4.

foi determinado o que o ser é ou o que o não-ser é.”¹⁰ O que é significado neste “entre” é o “como” os entes são desvelados e determinados em sua entidade. Podemos então dizer que, por um lado, este “entre” onde ainda não há determinação de ser e ente nos remete para o “como hermenêutico”, através do qual, em *Ser e tempo*, o *Dasein* compreende e interpreta o modo de ser dos entes. Porém, por outro lado, vale ressaltar que este “entre” não concerne mais ao “entre” *Dasein* e mundo como em *Ser e tempo* [abertura] ou em *Problemas fundamentais de fenomenologia* [transcendência do *Dasein*], nem ao “entre” mundo e terra ou ao “entre” clareira e encobrimento como em *A origem da obra de arte*, antes o “entre” em *Questões fundamentais de filosofia* reside no meio de ser e ente. Desta feita, pensamos que o velamento nesse período do pensamento heideggeriano pode ser atrelado ao “entre” ser e ente, que reúne verdade, ser e fenômeno.

Na preleção *Contribuições à filosofia* (1936-38), a concepção de verdade continua na mesma direção que em *A origem da obra de arte*, quer dizer, a verdade é considerada como clareira no sentido de acontecimento de ser. No entanto, em *Contribuições à filosofia*, a verdade não é originária do combate entre mundo e terra ou do combate entre clareira e encobrimento, mas a verdade é originária do conflito entre ser e não ser. Este conflito marca a relação da verdade com o ser e não mais com o ente. Mediante esta relação, a verdade pertence ao ser, ela é a abertura no meio do ente e, enquanto tal, ela é tanto a abertura quanto a verdade do ser. Sendo abertura do ser, a verdade fundamenta a abertura do *Dasein*. Mas, por sua vez, o *Dasein* também é o fundamento da verdade do ser, pois esta necessita do *Dasein*, visto que ele é o “entre” que experimenta o ser como velamento e como acontecimento do verdadeiro. Assim, nas *Contribuições* o *Dasein* é “entre” ser-velamento e ser-acontecimento. Frente a esta afirmação, o *Dasein* não é mais ser-verdadeiro nem ser-descobridor. Ele é o “entre” no qual a verdade acontece, não mais o “entre” ser e ente como em *Questões fundamentais de filosofia*, mas o “entre” ser e ser. A verdade é, então, a clareira do ser como acontecimento do verdadeiro, como este que deixa ser o que é. Dessa forma, o verdadeiro condiz com o que dura na verdade,¹¹ e nesta duração o ser permanece na clareira como acontecimento da verdade do ser. Quer dizer, ser copertence ao verdadeiro e o *Dasein*

¹⁰ HEIDEGGER, M. *Basic Questions of Philosophy*, p. 134, 132.

¹¹ Cf. HEIDEGGER, M. *Contributions to Philosophy: (Of the Event)*. Indianapolis: Indiana University Press, 1999, p. 241.

copertence a clareira do ser como abertura para o auto-velamento de ser. Isto significa, por um lado, que ser é acontecimento do verdadeiro e, por outro, que a verdade acontece como um oscilar entre clareira e velamento de ser. Nesta perspectiva, Heidegger afirma que a clareira como verdade do ser é diferente da clareira como desvelamento do ente em si mesmo, porque neste a verdade se mantém na relação entre ser e ente, enquanto que na clareira como acontecimento do auto-velamento de ser, a verdade encontra-se diretamente ligada à verdade do ser, visto que ela se dá mediante o conflito entre ser e não ser, em vez do conflito entre ser e ente.¹² Mais claramente, nas *Contribuições à filosofia* podemos constatar que o velamento está atado ao conceito de clareira e abertura, que congrega a reciprocidade entre verdade, ser e fenômeno.

Entretanto, a mudança mais radical da concepção heideggeriana de verdade aparece nos ensaios *Tempo e ser* (1962) e em *O fim da filosofia e a tarefa do pensamento* (1964). Neles, o autor procura radicalizar o questionamento de *Ser e tempo*, isto é, nestes ensaios o filósofo faz a tentativa de pensar o ser fora da relação com o ente. Imbuído por este propósito, em *Tempo e ser*, podemos dizer que em lugar do termo “verdade”, Heidegger retoma o termo “*Ereignis*” que ele já havia exposto em *Contribuições à filosofia*. Com esse termo, ele pretende explicitar o acontecimento-apropriação de ser-tempo-espaco, que fundamenta o *Dasein* e os entes.

[Neste ensaio,] ser faz parte do acontecer apropriador. É dele que o dar e o seu dom recebem sua determinação. Nesse caso o ser seria uma espécie de *Ereignis* e não o *Ereignis* uma espécie de ser. [...] Ser desaparece no *Ereignis*. [...] Tempo e ser acontecem apropriados no *Ereignis*.¹³

Da mesma forma que tempo e ser, o *Dasein* também é apropriado pelo *Ereignis*. Perseguindo, ainda, o desafio de pensar o ser fora da sua relação com o ente, no ensaio *O fim da filosofia e a tarefa do pensamento* encontramos a afirmativa do autor segundo a qual a tarefa da filosofia consiste em pensar a clareira do ser e a sua vigência, em vez de pensar a verdade, quer dizer, em vez de pensar isto que a clareira do ser fundamenta. Nestes ensaios da década de 1960, Heidegger reconhece ainda que precisamos aprender a pensar sem

¹² Cf. *Ibidem*; p. 245.

¹³ HEIDEGGER, M. “Tempo e ser.” In: *Heidegger: Conferências e escritos filosóficos* São Paulo: Abril Cultural, 1979, p.269.

fundamento, sem causa, sem antecedentes e consequentes. Necessitamos aprender a pensar o abismo que há “entre” tempo e ser, *Dasein* e mundo, ser e ente, sujeito e objeto, mundo e terra, clareira e encobrimento, tempo e espaço. Ou seja, ainda carecemos de aprender a pensar como o “entre” que é o próprio abismo no qual ser, tempo, espaço e *Dasein* desaparecem no sem fundamento.

O propósito dessa nossa explanação sobre estes conceitos heideggerianos de verdade tem por finalidade ressaltar que é possível dizermos que todos eles estão estruturados pelo caráter de “entre.” Mais ainda, podemos sublinhar que tal caráter se mostra como um modo de velamento. Por que? Posto que o “entre” engloba o âmbito do inaparente, da suspensão e do abismo, seja na perspectiva do “entre” *Dasein* e mundo, mundo e terra, clareira e velamento de ser, ou “entre” ser e ente, ser e ser, ser-velamento e ser-acontecimento. Mas, como o “entre” e o velamento podem nos ajudar a correlacionarmos verdade, composição e realidade virtual?

A composição enquanto estrutura da técnica e da realidade virtual

Para respondermos à pergunta como o “entre”, velamento, verdade, composição e realidade virtual encontram-se correlacionados nos pautaremos no texto *A questão da técnica* (1953), posto que nele Heidegger expõe a constituição fenomenológica da técnica moderna. Deliberadamente escolhemos esse texto, porque julgamos que a realidade virtual, enquanto um produto dos algoritmos que regem a operacionalidade da internet e da Inteligência Artificial (IA) na tecnologia contemporânea, pode ser analisada e descrita mediante as mesmas estruturas fenomenológicas que constituem a técnica moderna. Ora, se técnica e tecnologia são conhecimentos distintos, por que refletiremos sobre a realidade virtual, que é uma produção tecnológica, a partir da fundamentação fenomenológica da técnica? Apesar do surgimento da tecnologia e das inovações tecnológicas, que dominam os afazeres do cotidiano na Contemporaneidade, do nosso ponto de vista ainda vivemos o ápice da técnica moderna. Por isso, consideramos que “tecnologia” é a expressão mais sublime e mais completa da técnica. Por que?

Genericamente, podemos dizer que a técnica moderna implica em fazer e produzir no sentido de fabricar,¹⁴ o qual, por sua vez, envolve procedimentos racionais que direcionam e determinam a operacionalidade da produção e o modo de efetivação da realidade dos entes. Na interpretação heideggeriana, os procedimentos racionais que caracterizam o fabricar da técnica são principalmente o cálculo, a precisão, o rigor e o método. Na aplicação desses procedimentos o método tem por função direcionar e encaminhar os outros procedimentos, quer dizer, o método tem um privilégio frente aos demais procedimentos racionais, posto que ele é determinado pelo caráter de antecipação, que institui o seu caráter projetivo. À medida em que a produção da técnica é definida por procedimentos racionais, a fabricação se efetiva de modo calculado e preciso por seguir com rigor um método que define, antecipadamente, o modo de ser dos entes. Este caráter de antecipação da técnica tem por finalidade assegurar que a realidade dos entes aconteça conforme ela fora projetada e calculada pelos procedimentos racionais. Isto significa que a realidade dos entes vigente na técnica é encomendada e pré-determinada pelos procedimentos racionais. Enquanto um modo de acontecimento de ser que se encontra submetido a procedimentos racionais, os quais direcionam o desencobrimento dos entes, assegurando e determinando, antecipadamente, o seu modo de ser, “a técnica é uma forma de desencobrimento. [...] isto é, [de] verdade.”¹⁵ Nesta perspectiva, o desencobrimento como asseguramento do modo de ser do ente é concebido como uma estrutura que constitui a técnica. Ao passo que para Heidegger “A questão da técnica é a questão da constelação em que acontece, em sua propriedade, em desencobrimento [*Entbergung*] e encobrimento [*Verbergung*], a vigência da verdade,”¹⁶ o filósofo pressupõe que a técnica moderna se constitui, por um lado, pelo asseguramento no desencobrimento do ente e, por outro, pelo encobrimento do ser, que possibilita a abertura para a experiência do ser, ao invés de encomendar e garantir a produção encomendada da realidade dos entes. Levando-se em conta que esses dois modos constitutivos da técnica moderna encontram-se reunidos em uma unidade, que determina o modo de desencobrimento dos entes, a reunião unificadora que agrega os modos de ser da técnica é nomeada, por Heidegger, de composição [*Gestell*]. Visto que os dois modos constitutivos da composição

¹⁴ Cf. FERREIRA, A. “A composição e a quadratura como criação.” *In: Sofia*. volume X, números 13 e 14, Vitória, 2005, p. 55-76.

¹⁵ HEIDEGGER, M. “A questão da técnica.” *In: Ensaios e conferências*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 17.

¹⁶ *Ibidem*, p. 35.

são determinados pelo caráter de antecipação, ele a define como essência da técnica. Como já vimos acima, no modo de asseguramento no ente o caráter de antecipação fabrica e produz a realidade de acordo com o que foi projetado pelo método rigoroso e calculador. Já no modo de experiência do ser o caráter de antecipação consiste no velamento do ser, que abre a possibilidade de desencobrimento não encomendado dos modos de ser do ente. Nesta perspectiva, podemos inferir que a técnica está estruturada por um “entre” o asseguramento no desencobrimento do ente e a possibilidade da experiência do ser. Enquanto tal, ela não é nada de técnico,¹⁷ antes ela é um caráter de ser que constitui o modo de desencobrimento de ser dos entes e do *Dasein*. Portanto, neste arcabouço teórico, a composição é um modo de ser e de desencobrimento dos entes, ou seja, ela é um modo de verdade e, por isso, ela não é um aparato técnico ou uma atividade do *Dasein*. Em que medida a composição, enquanto reunião antecipadora, determina a verdade que constitui a realidade virtual? Vejamos.

É perceptível que nos dias atuais seja difícil encontrarmos um dispositivo da tecnologia contemporânea que não seja comandado pela IA. Devido a essa contatação, refletiremos sobre a relação entre verdade, composição e realidade virtual pautados no modo de produção tecnológico da IA que prepondera na internet. À medida que formos explicitando a operacionalidade da IA, simultaneamente, mostraremos como é possível fundamentá-la mediante os dois modos de antecipação, que estruturam a composição na técnica moderna.

Grosso modo, podemos dizer que o fundamento da IA é o algoritmo. Sucintamente, um algoritmo nada mais é do que uma combinação de números regidos por leis de probabilidade. Sabemos que os números, a aritmética e a probabilidade são procedimentos lógicos e racionais pertinentes a matemática.

[Nas palavras de Pedro Domingos] Um algoritmo não é apenas qualquer conjunto de instruções [matemáticas ou não]: elas [as instruções] têm de ser suficientemente precisas, [...para que o] algoritmo sempre produz[a] o mesmo resultado [... e seja] um padrão minucioso. [...Segundo ele,] Em qualquer área da ciência, quando uma teoria não pode ser expressa como algoritmo, ela não é totalmente rigorosa.¹⁸

¹⁷ *Ibidem*, p. 25.

¹⁸ DOMINGOS, P. *O algoritmo mestre*. São Paulo: Novatec, 2017, p. 26, 27.

Estas afirmações de Domingos nos permitem dizer que a IA é determinada por procedimentos racionais tais como cálculo, rigor, precisão e método. Ora, como vimos, anteriormente, esses são os mesmos procedimentos racionais que constituem, para Heidegger, o modo de produção da técnica moderna. Logo, é notório que o modo de produção da tecnologia contemporânea segue os mesmos princípios básicos que caracterizam a técnica moderna. Sendo assim, pensamos que a tecnologia é uma modificação da técnica e, enquanto tal ela também é, fenomenologicamente, constituída pelo caráter de antecipação inerente à estrutura da composição, a saber, a reunião antecipadora “entre” o asseguramento do desencobrimento do ente e a possibilidade da experiência do ser. Donde podemos inferir que a produção tecnológica, tal como a técnica, é um modo de desencobrimento, que funda a verdade e a realidade dos entes na Contemporaneidade. Nesse momento, nada mais oportuno do que perguntarmos: como podemos correlacionar a composição aos modos de produção da IA? Qual é a relação entre os algoritmos, a verdade e a realidade virtual?

Os algoritmos, da mesma maneira que os produtos fabricados pela técnica, são criados, elaborados, estruturados e codificados por um ser humano, com o objetivo de produzir experimentos e programas que levem a alcançar os resultados desejados e esperados. Em geral esses programas são modelos computacionais, que simplificam, nivelam e processam os dados com os quais operam, para cumprir com precisão, eficiência e rigor a finalidade-guia que direcionam sua operacionalidade. Seja nos modelos de aprendizagem de máquina, os quais alimentam os sites de busca, de reconhecimento de imagem, de voz, entre outros; seja nos modelos amplos de linguagem que reúnem os dados mais prováveis para formar textos como no ChatGPT, Gemini ou Copilot, todos esses modelos são treinados para responderem à demanda inicial que conduziram a sua projeção e programação.

Apesar de sua reputação de imparcialidade, [esses modelos] refletem objetivos [,desejos, valores, moral, crenças] e ideologias [dos seres humanos que o criaram...]. [Isso implica que] Os modelos são opiniões [pressupostas] embutidas em matemática [e] camufladas com tecnologia.¹⁹

À medida que os algoritmos, concebidos como modelos computacionais que dominam a IA, são matematicamente projetados e programados para chegar a um certo

¹⁹ O'NEIL, C. *Algoritmos de destruição em massa*. Santo André: Rua do Sabão, 2020.p. 35.

resultado, podemos atestar que o produto desses modelos é forjado, antecipadamente, pelo programador. Desta feita, temos aqui a característica essencial da composição que constitui a técnica moderna, a saber: a antecipação que, neste viés da produção tecnológica, garante e encomenda o modo de desencobrimento de ser do ente. Isto nos permite corroborar que tanto na técnica quanto na tecnologia a realidade é delineada, antecipadamente, pelos procedimentos racionais, lógicos e matemáticos.

Conclusão

A exposição de conceitos e argumentos que apresentamos até esse momento é suficiente para confirmarmos a nossa pressuposição inicial, qual seja, que a tecnologia é determinada pelas mesmas estruturas que fundamentam a técnica moderna. Nesta perspectiva, podemos afirmar que na tecnologia também prepondera o encobrimento de ser no modo de asseguramento do desencobrimento do ente. Por que? Haja visto que os algoritmos são metodicamente projetados, programados e treinados para produzir dados, que conduzem e garantem a determinação do modo de ser dos entes. Dessa maneira, a verdade, enquanto desencobrimento do ente, está assegurada a acontecer de acordo com a finalidade e resultados antecipadamente concebidos.

Porém, diferentemente da técnica moderna que produz a realidade dos entes como fato, os modelos de programação computacional nos quais a IA está baseada, produzem a realidade virtual que tecnologicamente guiada fabricam a fatualidade dos entes. Melhor dizendo: a verdade ou o desencobrimento dos entes na tecnologia é originária do comportamento dos algoritmos e dos modelos computacionais pertencentes a IA. Nesta perspectiva, podemos acrescentar que “o cálculo é o procedimento assegurador e processador de toda teoria do real.”²⁰ Qual é a teoria do real na tecnologia contemporânea? Ao passo que a fatualidade dos entes é produzida por modelos computacionais probabilísticos, caracterizamos de virtual a realidade dos entes produzida pelos dispositivos e programas de IA. Se a fatualidade dos entes é produzida pela realidade virtual na Contemporaneidade, isto implica que a verdade e o modo de ser dos entes se metamorfoseia. Como?

²⁰ HEIDEGGER, M. “Ciência e pensamento do sentido.” *In: Ensaios e conferências*, p. 49.

Vale lembrar que a produção da realidade virtual está nas mãos de poucas empresas chamadas de Big Techs e, conseqüentemente, entregues aos programadores de dados e cientistas da computação, os quais além do interesse de monetização têm também a intenção de fidelizar os usuários aos seus produtos. Diferentemente da técnica, onde o produto da fabricação é um objeto, na tecnologia o produto não é mais um objeto, mas desejos, ideologias, crenças e ideias de maneira geral. Nesta linha argumentativa, a verdade não está atrelada ao modo de descobrimento do ente como algo do mundo, mas ao modo de descobrimento do ente como algo idealizado, projetado e produzido computacionalmente. Logo, a verdade do ente acontece virtualmente. Concomitantemente à metamorfose da verdade e da realidade em virtual, acontece a metamorfose do ente que nós mesmos somos. Pois, se a fatualidade dos entes é produzida virtualmente, enquanto vivemos no âmbito da produção tecnológica, nos tornamos expectadores do descobrimento dos entes pela IA. Apesar de sermos os programadores e produtores da realidade virtual, somos muito mais expectadores, porque temos expectativas e esperamos que a IA nos conceda toda e qualquer forma de verdade e de realidade. Além de sermos expectadores somos também espectadores dos acontecimentos da realidade virtual, porque enquanto esperamos que o descobrimento do ente aconteça conforme projetado, programado e idealizado, nós observamos, assistimos e testemunhamos a produção da realidade virtual. Cabe sublinhar que a palavra “expectador” além de acolher o sentido de espectador, simultaneamente, engloba o sentido de antecipação do acontecimento de algo.²¹ Pois, quando estamos na expectativa de que algo acontecerá de certa maneira, estamos antecipando o seu modo de descobrimento. E, simultaneamente, aguardamos e esperamos que este algo aconteça tal como projetamos e programamos. Enquanto expectadores, somos simuladores da verdade e da realidade dos entes, e enquanto espectadores somos consumidos e dominados pela realidade virtual. Seja como expectadores ou como espectadores vivemos no modo de asseguramento do descobrimento de ser dos entes. Aqui, faz-se necessário adicionar que, assim como na técnica, no metamorfosear da verdade e da realidade no âmbito da IA pode acontecer a virada do asseguramento no ente para a experiência do ser na tecnologia. De que maneira? Na medida em que o “ente,” no sentido de inaparente, de abismo e de velamento, antecipar outras possibilidades de ser além

²¹ Cf. FERREIRA, A. “A correlação entre ciência e técnica em Heidegger.” *In: O que nos faz pensar*. nº 30, dezembro de 2011, p. 85-96.

daquelas projetadas, programadas e encomendadas pela verdade e realidade virtual. Diante dessa consideração, defendemos que tanto a tecnologia é uma metamorfose da técnica, quanto que a verdade e a realidade virtual são uma metamorfose da composição enquanto essência da técnica. Com isso, efetivamos a correlação entre verdade, composição e realidade virtual.

Referências bibliográficas

DOMINGOS, Pedro. *O algoritmo mestre*. São Paulo: Novatec, 2017.

FERREIRA, A. “A verdade na fenomenologia heideggeriana.” *In*: Ferreira, A. (Org.). *Verdade e interpretação*. Salvador: Quarteto, 2013, p. 9-26.

FERREIRA, A. “A composição e a quadratura como criação.” *In*: Sofia, volume X, números 13 e 14, Vitória, 2005, p. 55-76.

FERREIRA, A. “A correlação entre ciência e técnica em Heidegger.” *In*: *O que nos faz pensar*, nº 30, dezembro de 2011, p. 85-96.

HEIDEGGER, M. *The Basic Problems of Phenomenology*. Indianapolis: Indiana University Press, 1982.

HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 2006.

HEIDEGGER, M. *History of the Concept of Time*. Indianapolis: Indiana University Press, 1992.

HEIDEGGER, M. *Ensaio e Conferências*. Petrópolis: Vozes, 2002.

HEIDEGGER, Martin. *Basic Questions of Philosophy*. Indianapolis: Indiana University Press, 1994.

HEIDEGGER, M. “Tempo e ser.” *In*: *Heidegger: conferências e escritos filosóficos*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

HEIDEGGER, M. *Contributions to Philosophy: (Of the Event)*. Indianapolis: Indiana University Press, 1999.

O’NEIL, Cathy. *Algoritmos de destruição em massa*. Santo André: Rua do Sabão, 2020.

Recebido em: agosto de 2024.
Aprovado em: outubro de 2024.